

## RECONTAR A HISTÓRIA PELA MEMÓRIA DA POPULAÇÃO NEGRA



A Lei 10.639/03 - que determina a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de ensino básico - foi aprovada pelo primeiro governo Lula em 2003. A historiadora e educadora **Conceição de Oliveira** explica que a iniciativa responde a uma dívida histórica gigante: “É reconhecer politicamente que você tem que desenvolver políticas de combate ao racismo, que produz essa pobreza gigantesca e que mata”. A historiadora acrescenta: “É muito importante reconstruir para as crianças uma identidade negra positiva”.

O escritor e poeta **Éle Semog** contextualiza a importância da história dos negros para o Brasil: “Por gerações seguidas a comunidade negra se mantinha culturalmente, em larga escala, amparada pela história oral e muito precariamente, conseguia referências de sua participação e contribuição na história oficial brasileira”. E acrescenta: “Se o Brasil registra a sua História excluindo a presença e participação do negro, é importante que esta História seja reescrita, e isto já está sendo feito, por uma ação crítica dos historiadores contemporâneos, eliminando a lacuna de ausência negra, naturalizada pelos cânones acadêmicos. Como nos disse o fotógrafo Januário Garcia ‘existe uma história do negro sem o Brasil, mas não existe uma história do Brasil sem o negro’”.

## A CORAGEM NOS UNE

O Brasil tem a maior população negra do mundo fora da África. Recontar a nossa história a partir da memória dos negros e das negras que vivem no país é um compromisso de quem quer uma educação pública de qualidade.

Em 2003 e em 2008, o povo brasileiro conquistou duas leis importantes que determinavam a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena no ensino fundamental e médio, as leis 10.639/03 e 11.645/08. Modificações feitas por meio da Lei de diretrizes e bases da educação nacional (LDB) completariam 20 anos em 2023. Os desafios são muitos e temos na educação a parceria adequada para continuarmos lutando contra o racismo.

Apesar do desmonte das políticas públicas de combate ao racismo pelo governo golpista de Michel Temer - e em seguida pelo desgoverno Jair Bolsonaro - a semente da resistência foi plantada. Conforme aumenta o conhecimento da nossa história e o nível de consciência do pertencimento racial, cresce também a coragem das pessoas em denunciar o racismo e em reivindicar direitos.

Seguiremos a luta de Zumbi e Dandara, defendendo sempre a construção de nossas histórias. Reafirmamos a memória de todos e todas, negros, negras e povos originários não negros (as), que construíram e seguem contribuindo para um Brasil mais democrático, solidário, e sem racismo!

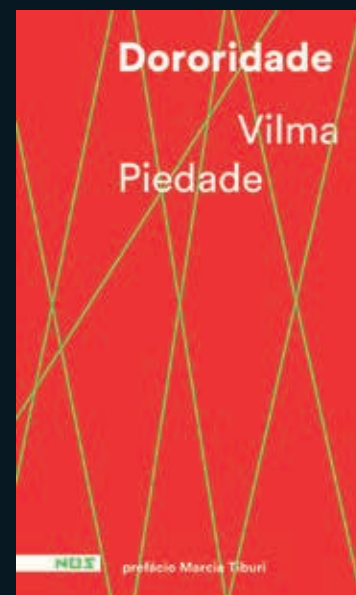


## “É nas páginas de um livro que um indivíduo pode reconhecer a importância da leitura como aprendizado, reflexão e formação de consciência crítica”

Para a atriz, escritora e mestre em teatro pela Universidade de Brasília, **Cristiane Sobral**, a história do negro e a do Brasil estão interligadas. “A população negra é fundamental para entender a construção do país e seus traços estão assentados na cultura, na língua portuguesa, na alimentação. Brasileiros e brasileiras precisam de educação étnico racial pra reconhecer a ancestralidade negra presente nas famílias desse país que foi formado a partir do escravismo, do genocídio negro e da exploração de homens e mulheres que aqui chegaram em condições aviltantes e desumanizadas”.



## Vilma Piedade



“Para explicar o que é ser uma Escritora Negra no Brasil é preciso voltar à História”

A Professora, Escritora e Pesquisadora, Vilma Piedade, lembra que Maria Firmina dos Reis, nossa primeira Romancista e Negra, autora do Romance Úrsula, século XIX, só veio a ser reconhecida no Brasil no final do século XX. Carolina Maria de Jesus, que foi traduzida em 42 idiomas, nasceu e morreu no lixo e é um ícone da Literatura Brasileira.

Vilma Piedade menciona como grande referência a Filósofa, Antropóloga e Historiadora Lélia Gonzalez, que: “Empreitece o Feminismo e cria o coletivo de Nzinga, em 1983, o primeiro Coletivo de Mulheres Negras no RJ”.

Em relação a ser uma autora negra atualmente, Vilma Piedade relata: “Ser Mulher Negra aqui nos faz conviver com o Racismo no cotidiano, mas nós transformamos Dor em Potência, como coloco no meu Livro Dororidade. É um Conceito que criei para dialogar com Sororidade, que também é um Conceito Feminista, porque para Nós, além de gênero, raça e classe, Nós temos a Dor provocada pelo Racismo”.

A autora finaliza: “Ainda precisamos resistir e avançar mais. Como disse a Escritora Conceição Evaristo, ‘as Feministas dizem que escrever é um ato político, para nós Mulheres Negras, publicar é um ato político, porque a gente publica muito tarde’”.

### RECOMENDAÇÕES DE LEITURA

#### AMAR ANTES QUE AMANHEÇA (2021) | Editora Malê

Cristiane Sobral apresenta quinze contos que criam um painel sobre os diversos tipos de amor.

#### QUEREM NOS CALAR: Poemas para serem lidos em voz alta (2019) | Editora Planeta

Antologia reúne poesias de 15 mulheres slammers [batalhas de poesia falada] de todas as regiões do Brasil. Autoras: Anna Suav Bell Puã Bor Blue Cristal Rocha Dall Farra Danielle Almeida Laura Conceição Letícia Brito Luiza Romão Luz Ribeiro Mariana Felix Meimei Bastos Negafya Roberta Estrela D'Alva Ryane Leão.

#### DORORIDADE (2017) | Editora Nós

Vilma Piedade cria o conceito de Dororidade por um Feminismo Interseccional Inclusivo.

#### INSUBMISSAS LÁGRIMAS DE MULHERES (2016) | Editora Malê

Conceição Evaristo lançou o volume de contos, em que, mais uma vez, trabalha o universo das relações de gênero num contexto social marcado pelo racismo e pelo sexismo.

#### DANÇA NEGRO, GINGA A HISTÓRIA (1998) | Coleção Griô da Mazza Edições

A autora Maria Zita Ferreira recebeu o Prêmio Buriti pelos trabalhos realizados na dança.